

Sonhos e riscos

O sonho subjacente ao texto REGIME FUNDACIONAL pode ser mais puro, nobre, humano, democrata, epistemologicamente avançado, etc., do que os finais das nossas melhores óperas ou epopeias ou as reflexões mais avançadas, pertinentes e perspicazes dos nossos melhores filósofos, analistas políticos e outros.

Mas o que eu julgo ter na mão, em termos de materialização de um sonho ou em termos de um libreto para uma ópera, e o meu tempo escasso, e a minha pesquisa, limitada, não me dão muito mais chances do que dizer (e estar disposto a esclarecer) o seguinte:

1 – Atrever-me-ia a provar com pormenores concretos que o texto mencionado em cima (que não pode nem deve ser confundido com o autor ou os autores do mesmo) corre os riscos que correm todos os nossos textos, nomeadamente o risco de construir o EU dele, os OUTROS nele e o MUNDO ao qual ele se refere, de uma forma merecedora de ser melhorada.

O que é banal.

E por isso acrescento o seguinte:

Atrever-me-ia a provar com pormenores concretos que o TEXTO em questão tem em algumas das suas partes uma tendência de sobrepor o EU aos OUTROS e o TEXTO em questão não dá devidamente conta da complexidade do MUNDO e do assunto ao qual ele se refere.

Nomeadamente na parte onde ele dá oportunidade às vozes de LÁ FORA para serem ouvidas, relativamente a perspectivas alegadamente próximas da perspectiva que o TEXTO em questão defende.

2 - O TEXTO em questão desperta em mim uma ansiedade enorme no sentido de suplementos dele próprio que me ajudam a compreender o seguinte:

Porque é que eu julgo ter colocado no respectivo site da UMa outros textos que me merecem a mesma atenção e o mesmo respeito pelos sonhos inerentes aos mesmos, e que assumem, na minha leitura, posições 'materializadas' em grande parte não compatíveis com o TEXTO em questão ?

E refiro neste contexto em termos de exemplos só o texto de um representante da FENPROF que se mostra céptico em relação à adopção do regime fundacional nos contextos em questão.

3 - O TEXTO em questão desperta em mim uma tentação irresistível de confrontá-lo com outro texto que coloquei no respectivo site da UMa (onde ele figura como um de três documentos relacionados com a Finlândia).

Texto curto e conciso esse onde James H. Mittelman, University Professor of International Affairs at American University in Washington, DC. com experiência de ensino e mais nos EUA, escreveu em 2008, tentando responder à questão «When Finland looks at international experience with university reform, what lessons should be drawn?» :

«... Assessments of faculty performance emphasize numerical measures of productivity even though much of it is not amenable to counting. ...»

Concluindo da forma seguinte:

« The application of corporate thinking, sometimes in the guise of new legal status, to universities risks reducing their autonomy. But diminishing self-governance endangers educational excellence. One hopes that when it comes to the academy, wisdom will prevail. »

4- Um CONTEXTO, recente, do TEXTO em questão, leva-me, não: obriga-me a acrescentar o seguinte:

Eu subscreveria porventura de olhos fechados qualquer texto sob qualquer regime organizacional, financeiro e outro, desde que eu tivesse duas garantias, interligadas:

- Não haverá, a partir de agora, nem um mês na vida da nossa instituição, onde não há pelo menos um evento do tipo daquele que teve lugar no dia 13 de Maio de 2011, pelas 15.00 horas, na Sala do Senado onde houve uma oportunidade para ouvir (e dialogar com) representantes da área política e académico-científica. Num espírito de abertura mútua máxima ao alcance do todos num determinado momento.

- E será incluído em qualquer 'fase experimental' que pode estar a decorrer em relação a qualquer assunto, qualquer impulso - oriundo desses eventos e de outros do género - capaz de merecer a nossa atenção, no sentido de uma ideia ou alerta que pode contribuir para modificações ou mudanças dos movimentos do nosso navio ou do rumo do mesmo que parecem prometedoras, praticáveis, etc. etc.

Kurt Millner

16 / 05 / 2011

P.S. que prova porventura que o mais importante ou relevante aparece muitas vezes nas notas de rodapé:

Com base na minha leitura, limitada, sou da opinião ou da suspeita seguinte:

Quem quer saber 'o que se passa' em dois países de expressão alemã em relação à teoria e prática do regime fundacional, nas universidades, encontrará TEXTOS e posicionamentos relevantes e interessantes (também) nas duas fontes seguintes:

Num estudo que consta dos documentos que eu coloquei no respectivo site, sob o título 'o caso suiço', título esse que engana um pouco pela razão seguinte:

Esse estudo compara sete instituições de ensino superior sob o ponto de vista do critério (operacionalizado) da chamada autonomia.

E esse estudo chega à conclusão que a universidade que mais autonomia possui, nos moldes da interpretação de autonomia que o estudo propõe, é a universidade alemã de Göttingen que é uma fundação.

E por isso é mais do que lógico, na minha perspectiva, que se devia consultar sob essa perspectiva também o respectivo site da universidade de Göttingen onde se encontram também TEXTOS em inglês que abordam (e propagam e defendem) o regime fundacional da respectiva instituição em Göttingen.

Instituição essa que se pode gabar, pelos dados fornecidos, de ser uma das instituições europeias que mais detentores de prémios Nóbeis 'produziu' ou contou entre os seus docentes do que a maioria das suas congéneres, na Europa.

Nota da última hora em relação ao evento referido na Sala do Senado, no dia 13 de Maio do ano corrente:

Eu estaria disposto a co-financiar eventos destes, pagando algo mais do que uma entrada simbólica, se houvesse um respectivo fundo ou uma respectiva fundação específica com fins sensatos, transparentes, lucrativos ou não.

Perdão pelas falhas gramaticais, estilísticas, etc., na minha escrita em português.